

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO JESUÍTICA: APRENDIZAGEM
INTEGRAL, SUJEITO E CONTEMPORANEIDADE

CÉSAR DE OLIVEIRA ALMEIDA

EDUCAÇÃO JESUÍTICA E FORMAÇÃO INTEGRAL:
desafios do acolhimento e acompanhamento acadêmico de alunos bolsistas
no Colégio Loyola

Belo Horizonte

2023

CÉSAR DE OLIVEIRA ALMEIDA

**EDUCAÇÃO JESUÍTICA E FORMAÇÃO INTEGRAL:
desafios do acolhimento e acompanhamento acadêmico de alunos bolsistas
no Colégio Loyola**

Artigo apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Especialista em Educação,
pelo Curso de Especialização em Educação
Jesuítica: aprendizagem integral, sujeito e
contemporaneidade, da Universidade do Vale do
Rio dos Sinos – UNISINOS

Orientadora: Profa. Àgueda Bichels

Belo Horizonte

2023

**EDUCAÇÃO JESUÍTICA E FORMAÇÃO INTEGRAL:
desafios do acolhimento e acompanhamento acadêmico de alunos bolsistas
no Colégio Loyola**

César de Oliveira Almeida¹

Àgueda Bichels²

Resumo: Este artigo aborda a experiência de alunos bolsistas do Colégio Loyola, uma instituição da Rede Jesuíta de Educação. As bolsas de estudo fornecidas incluem benefícios como alimentação, uniforme, material didático, transporte e moradia. Além disso, a pesquisa investiga os desafios acadêmicos enfrentados por esses alunos que, mesmo recebendo todos esses benefícios, enfrentam outros desafios pela sua caminhada escolar. O artigo propõe intervenções para melhorar o apoio acadêmico e o desenvolvimento de habilidades dos alunos bolsistas, incluindo o acompanhamento sistematizado e evolutivo pelos anos escolares, o estabelecimento de um Grupo de Trabalho e a criação de um programa de intervenção. O objetivo, diante do exposto, é reduzir a insegurança acadêmica e promover a autonomia dos estudantes.

Palavras-chave: Formação integral. Educação Jesuíta. Alunos bolsistas.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem como *corpus* de pesquisa alunos bolsistas que estudam ou que já estudaram no Colégio Loyola, uma das instituições pertencentes a Rede Jesuíta de Educação. Instituição essa em que trabalho como professor da disciplina de matemática há 12 anos. Por todo esse tempo de trabalho e serviço ao colégio e ao corpo discente, tenho me incomodado em relação aos sentimentos que alguns alunos bolsistas carregam quase de forma inerente aos seus estudos e à sua vida acadêmica.

¹ Professor de Matemática para o Ensino Fundamental II e professor de Educação Financeira para o Ensino Médio. Mestre em Ensino de Matemática pela PUCMG e Licenciado em Matemática pela UFMG. math.cesar@gmail.com.

² Professora orientadora, professora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS/RS/Brasil. Especialista em Metodologia Universitária e Teoria do Conhecimento e Filosofia da Linguagem. Graduada Direito(OAB/RS) e em Teologia. E-mail: agueda@unisinos.br. Link currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/8470809745441311>.

As bolsas de estudos promovidas pelo colégio preveem uma série de benefícios para que os estudantes possam não somente aproveitar a oportunidade de estudar em uma reconhecida instituição de excelência acadêmica, assim como de excelência humana, mas também aprender a se tornar pessoas compassivas, comprometidas, competentes e conscientes. Compassivas para que sejam indivíduos capazes de abrir seu coração para serem solidários e assumirem o sofrimento que outros vivem. Comprometidos, pois sejam indivíduos capazes de abrir seu coração para serem solidários e assumirem o sofrimento que outros vivem. Competentes para que profissionalmente falando, devem alcançar uma formação acadêmica que lhes permita conhecer, com rigor, os avanços da ciência e da técnica. Conscientes, pois além de conhecerem a si mesmos, graças ao desenvolvimento da capacidade de interiorização e ao cultivo da vida espiritual, os estudantes devem desenvolver um consistente conhecimento e experiência da sociedade e de seus desequilíbrios. Nesse contexto, cabe considerar quatro características apontadas como um propósito educativo pela Companhia de Jesus no Documento dos 4Cs. “Desta forma, a excelência acadêmica, dimensão fundamental num colégio da Companhia, se situa no contexto de uma formação para a excelência humana integral. É esta excelência humana integral que dá o sentido último à excelência acadêmica” (CPAL, 2023, p.43).³

Em síntese, os alunos bolsistas e, conseqüentemente, suas famílias recebem benefícios dependendo da origem da bolsa e dos parâmetros sociais em que se encaixam. Esses benefícios variam da alimentação ao material escolar necessários para que o estudante possa dar prosseguimento à vida acadêmica junto aos seus novos colegas de classe. Este artigo visa analisar esses benefícios e sugerir uma visão e proposta voltada para o reforço da base acadêmica e engrandecimento dos conhecimentos tanto adquiridos durante a vida escolar anterior à matrícula no colégio quanto aos que virão a ser abordados nos anos seguintes.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Um estudante matriculado em uma escola da Rede Jesuíta de Educação, ao longo dos anos escolares, recebe uma formação que pode ser interpretada de uma maneira integral: acadêmica, espiritual e cidadã. Uma formação integral que preconiza a tradição da Educação Jesuíta, representando um compromisso com o desenvolvimento global de cada indivíduo.

³ Conferência de Províncias Jesuítas da América Latina e Caribe “A Companhia de Jesus e o direito universal a uma educação de qualidade”.

Essa abordagem não se limita apenas à transmissão de conhecimento acadêmico, mas também busca nutrir a mente, o corpo e o espírito dos estudantes, incentivando-os a alcançar a excelência em todas as áreas de suas vidas. No cerne dessa proposta está a promoção da autonomia do aluno, capacitando-o para ser um agente ativo em sua própria educação.

Os princípios da Educação Jesuíta, nessa perspectiva, buscam formar cidadãos conscientes e responsáveis, capazes de tomar decisões informadas e éticas em todos os aspectos da vida. Isso inclui o estímulo à busca de conhecimento e à reflexão crítica, de forma a permitir que os alunos se tornem pensadores independentes. A autonomia do aluno é cultivada ao dar-lhes a liberdade para explorar seus interesses, desafiar suas próprias ideias e encontrar soluções criativas para os problemas que enfrentam.

Além do desenvolvimento intelectual, a formação integral do aluno na tradição jesuíta valoriza o crescimento espiritual e emocional. Os alunos são incentivados, nesse modelo educativo, a desenvolver uma conexão com valores e princípios que os orientarão ao longo da vida, promovendo uma visão mais profunda de si mesmos e do mundo a sua volta. Essa dimensão espiritual da educação jesuíta auxilia os alunos a encontrar significado e propósito em suas vidas, o que contribui para uma autonomia bem fundamentada.

A Educação Jesuíta também reconhece a importância do serviço à comunidade. Os alunos são encorajados a se envolver em atividades de voluntariado e ações que beneficiem os menos afortunados, promovendo um senso de responsabilidade social. Isso não apenas ajuda a formar cidadãos conscientes, mas também fortalece a autonomia ao proporcionar oportunidades de liderança e ação prática em prol de um mundo melhor.

Em consonância com as diretrizes da Rede Jesuíta de Educação, a qual preza pela diversidade de seus estudantes, o Centro de Referências em Educação Integral também apresenta a sua perspectiva inclusiva quando se trata do conceito de educação integral. Para a instituição,

as diferenças inerentes a cada pessoa constroem a riqueza de nossa humanidade. Propostas de educação integral, então, devem respeitar todas as diferenças representadas pelas deficiências, origem étnico racial, condição econômica, origem geográfica, orientação sexual, religiosa ou qualquer outro fator. (CREI, s.d.).

A formação integral do aluno na tradição jesuíta, em não se limita ao ambiente escolar. É um processo contínuo que visa preparar os estudantes para uma vida de aprendizado constante, autodeterminação e liderança. Por intermédio da educação Jesuíta, os alunos são

capacitados a se tornarem agentes de mudança, capazes de contribuir para uma sociedade mais justa e compassiva, com a autonomia necessária para moldar seu próprio destino e o destino de outros.

O Colégio Loyola, sendo uma instituição da Rede Jesuíta, tem como premissa o comprometimento com a formação integral, refletindo nas práticas, como parâmetro, os contextos e as demandas que se apresentam durante os anos escolares, assim como a diversidade de seus estudantes. Alguns desses parâmetros são previstos em leis. De acordo com o Ministério da Educação, pela Lei nº 9.394 1996, artigo 19 e incisos II e III, incluídos posteriormente pela Lei nº 13.868 de 2019, em que são estabelecidas as diretrizes e bases da educação nacional, as instituições de ensino confessionais, são instituídas por grupos de pessoas físicas ou por uma ou mais pessoas jurídicas que atendam a orientação confessional e ideologia específicas, sendo, na maioria das vezes, instituições comunitárias e filantrópicas. No caso, essas instituições são pessoas jurídicas de direito privado que não possuem finalidade lucrativa. Nesse sentido, o Colégio Loyola é integrado à definição de uma instituição confessional-filantrópica, oferecendo à comunidade, por meio do Programa de Inclusão Educacional e Acadêmica – PIEA, bolsas de estudos de 100% de mensalidade para alguns de seus alunos, assim como os benefícios que as acompanham, visando à garantia do acesso, da permanência e da conclusão educacional e acadêmica.

O PIEA busca, para além das mensalidades, garantir o desempenho e permanência do aluno. Dessa forma, são concedidos, quando necessários, quatro programas de apoio e benefícios relacionados ao transporte residência-escola e escola-residência, ao material didático e escolar adequados, à alimentação, enquanto permanência no horário escolar, e à orientação psicológica.

Essas bolsas abrangidas pelo PIEA, no Colégio Loyola, podem ser classificadas em três categorias: 1) como Certificado de Entidade Beneficente de Assistência Social – CEBAS, deferido para as Mantenedoras; 2) como institucionais, sendo oferecidas a filhos e filhas de colaboradores do próprio colégio; 3) como sorteio, sendo pleiteados estudantes da rede pública da prefeitura em qualquer série do Ensino Fundamental. Nos casos da primeira e da segunda categorias, são realizadas entrevistas com as famílias, pela Assistência Social, para que possam ser avaliadas vulnerabilidades e necessidades de graduação nos descontos a serem dados nas mensalidades, assim como na aplicação dos programas de apoio e benefícios. A concessão desse benefício pode ocorrer desde o início do período letivo ou ao decorrer do

ano, visando garantir o acesso, assim como a permanência no ambiente escolar e acadêmico em condições de igualdade aos demais alunos.

De acordo com a nota 04/2019, emitida pela Associação Nobrega de Educação e Assistência Social – ANEAS em conjunto com a Associação Antônio Vieira – ASAV, ambas pertencentes a Rede Jesuíta de Educação, os benefícios concedidos a alunos bolsistas alcançam as ações apresentadas a seguir.

QUADRO 1 – Benefícios aos alunos bolsistas

Benefícios	Descrição
Alimentação	A concessão do benefício alimentação para os alunos bolsistas integrais (100%) tem como objetivo garantir condições de permanência na Unidade Educativa (Básica e Superior) durante o ano/semestre, bem como apoiar no seu desempenho acadêmico. O benefício é concedido mediante análise socioeconômica feita pelo profissional de Serviço Social.
Uniforme	A concessão de uniforme aos alunos bolsistas integrais (100%) tem como objetivo favorecer sua inclusão, segurança e desenvolver o sentimento de pertença.
Material Didático	A concessão do benefício de material didático (incluindo o material escolar) aos alunos bolsistas integrais (100%) tem como objetivo garantir a qualidade do aprendizado e a permanência do aluno no ambiente escolar, por meio do acesso a materiais para seu estudo, conforme definido pela Unidade Educativa.
Transporte Escolar	A concessão do benefício transporte para os alunos bolsistas integrais (100%) visa garantir o acesso à Unidade Educativa (Básica e Superior) e é concedido mediante análise socioeconômica feita pelo profissional do Serviço Social.
Moradia	A concessão do benefício moradia para os alunos bolsistas

	integrais (100%) visa garantir e viabilizar a vida acadêmica dos estudantes que apresentam dificuldades em manter residência/moradia com recursos próprios, especialmente, aqueles que residem fora da Região da Unidade Educativa. (Básica e Superior) e é concedido mediante análise socioeconômica feita pelo profissional do Serviço Social.
--	---

Fonte: ANEAS / ASAV

Esses recursos são recebidos pelos alunos bolsistas, assim como pelas suas famílias. É perceptível, em conversas informais professor-aluno ou aluno-aluno, o quanto os benefícios fazem toda a diferença. Ao receber a oportunidade de ter acesso à bolsa de estudos, há famílias que fazem a opção de transferência da matrícula de seus filhos de outras escolas, até mesmo da rede privada, para o Colégio Loyola como uma forma de poder melhorar as condições de engajamentos nos estudos.

Estamos para educar a todos, sem distinção. Não pode ser de outra maneira já que o apostolado educativo, como todo o apostolado da Companhia, leva a indelével marca inaciana da universalidade. É certo que esta total abertura do conjunto da obra educativa da Companhia adquire – deve adquirir – determinações locais mais concretas, mas não é admissível o exclusivismo de qualquer tipo que seja. (ARRUPE, Pedro. 1980, p. 11).

3. REFLEXÕES DO PROCESSO

Mesmo sendo acolhidos em muitas direções, alguns alunos bolsistas sentem-se desconfortáveis em algumas situações específicas. Sendo rotineiras ou não, não é tão incomum perceber que o desconforto passa pelas dificuldades relacionadas à compreensão de alguma determinada disciplina, como a Matemática ou a Língua Inglesa, sendo, para muitos deles, aquela em que eles apresentam mais dificuldades. Com o tempo de permanência do aluno no colégio, essas dificuldades vão se agravando, levando-o, por exemplo, a participar de atividades de recuperação no final do ano, a se enxergar em um patamar inferior em relação aos seus outros colegas ou a procurar apoio psicológico junto ao colégio.

A fim de ilustrar essas ocorrências, para uma colaboradora que trabalha no setor de Núcleo de Apoio Educacional – NAE do Colégio Loyola, as dificuldades acadêmicas são desafiadoras,

[...] considerando que os alunos bolsistas vêm de escolas públicas, em que o contexto socioeconômico e pedagógico é extremamente diferente, eles chegam com defasagens e lacunas muito graves. O que o colégio oferece atualmente são as tutorias e as recuperações paralelas. Mas não são suficientes para poder suprir esse aluno e o que ele precisa em relação a ferramentas, para que possa acompanhar [academicamente] os outros estudantes e sinta inserido nesse contexto, pedagogicamente e emocionalmente. Eu acho que poderia haver um programa que pudesse acompanhá-los mais de perto, de uma forma mais sistematizada, uma evolução por etapas, procurando avaliar para que recursos pudessem ser oferecidos. O objetivo desse programa seria promover uma integração desse aluno que vem de fora deste contexto aqui [do colégio] tão diferente.”⁴

As lacunas de conteúdo abordadas por essa colaboradora acontecem, de maneira geral, entre os alunos bolsistas. Não significa que o colégio não dispenda recursos para proporcionar apoio e conforto a eles. Porém, na visão de alguns deles, esses recursos podem estar sendo aplicados de forma menos efetiva em relação ao potencial que poderiam atingir. Pensando no contexto de uma formação integral para esses estudantes, a efetividade poderia ser aprimorada a partir de um acompanhamento microscópico, visando ao aperfeiçoamento das habilidades necessárias e fundantes para uma determinada série, e macroscópico, realizando a análise da evolução das disciplinas com o passar dos anos.

Nesse viés, a opinião dos alunos bolsistas em relação a necessidade de enfrentamentos das dificuldades acadêmicas interfere diretamente, pois, também, há relação com o comprometimento para com as atividades escolares destinadas e realizadas por eles. Dessa forma, entrevistas foram realizadas com alguns estudantes bolsistas para que eles pudessem expressar o seu ponto de vista, não apenas como um aluno do colégio, mas também como alguém que participa dos programas de apoio e de benefícios. A opinião dele foi importante para delimitar os passos para a construção das propostas de intervenção em relação aos seus estudos e acompanhamentos acadêmicos. O quadro a seguir apresenta as perguntas que foram realizadas nas entrevistas. O propósito delas foi apenas servir como norteadoras para os entrevistados.

⁴ Entrevista IV. [set. 2023]. Entrevistador: César de Oliveira Almeida, Belo Horizonte, 2023. COLA1.mp3 (01 min e 32 seg). A entrevista encontra-se na íntegra no Apêndice A.

QUADRO 2 – Perguntas realizadas nas entrevistas com os estudantes

1. Há quantos anos estuda no Colégio Loyola?
2. Você já esteve em recuperação em alguma disciplina? Quais e quantas vezes isso ocorreu?
3. Cite duas disciplinas do colégio que você considera que sente confortável e com interesse em estudar.
4. Cite as duas disciplinas do colégio que você considera que tem as maiores dificuldades.
5. Quais são os seus métodos de estudo tanto para as disciplinas de maior facilidade quanto para as de maior dificuldade?
6. Que conselhos você daria para pessoas que estão entrando agora no colégio como bolsistas?
7. Se houvesse uma oportunidade, você faria parte de um grupo de estudos que possam estabelecer reflexões e apoios acadêmicos a novos bolsistas no colégio?

Fonte: Elaboradas pelo autor

Além dos alunos bolsistas, foram entrevistadas mais duas colaboradoras do Colégio Loyola, uma que trabalha no NAE e outra na Assistência Social. À luz dos seus conhecimentos, experiências e vivências cotidianas em um ambiente escolar, elas esclarecem suas crenças e parâmetros nos raciocínios que envolvem os olhares relativos aos desafios enfrentados pelos alunos bolsistas.

O objetivo dessas entrevistas foi não apenas coletar as opiniões, mas também obter informações de como a formação integral, em consonância com o acompanhamento acadêmico, poderia aprimorar a construção das habilidades e conhecimentos adquiridos pelos alunos bolsistas durante os anos escolares. As entrevistas encontram-se disponíveis, na íntegra, no Apêndice A deste artigo.

Diante do exposto, entende-se que os alunos bolsistas do Colégio Loyola recebem uma gama de benefícios que os auxiliam na caminhada durante os anos escolares. Esses benefícios são aceitos por eles e pelas famílias, proporcionando um alívio não somente financeiro, como também psicológico, dado o acesso a atendimentos especializados realizados pela Assistência Social da instituição. Por outro lado, há um sentimento de insegurança vindo desses

estudantes quando se trata das dificuldades acadêmicas relativas a disciplinas específicas como a Matemática e a Língua Inglesa.

4. CONCLUSÃO

Há anos existe um sentimento de angústia relativa à impotência do tratamento e acolhimento acadêmico dos alunos bolsistas. Não é fácil, quando há empatia suficiente, ver um aluno, ao final do ano, perdido em meio a um oceano de incertezas e inseguranças, alguém que passou todo o período letivo desbravando estratégias para não somente conseguir se destacar em uma turma diferente da dele, como também desejar ser incluído pelos seus colegas. Nesse sentido, sugere-se propostas de intervenção que convirjam para a redução da insegurança acadêmica dos alunos bolsistas, assim como para desenvolver habilidades de autonomia e independência entre seus pares.

Uma primeira proposta seria o acompanhamento desses alunos bolsistas desde o primeiro dia de aula no colégio. Esse acompanhamento visa definir habilidades consideradas fundantes para que os estudantes possam compreender, confortavelmente, os conteúdos e conhecimentos graduais na disciplina de Matemática. É comum que novos alunos bolsistas cheguem ao colégio no Ensino Fundamental 1, portanto o fluxo de habilidades seria iniciado nesses anos escolares. A partir da parceria entre professores, NAE e Assistência Social, criaríamos uma sistematização de acompanhamento e acolhida em cada ano escolar, estabelecendo quais habilidades já foram desenvolvidas pelos estudantes e ainda quais são fundantes para os próximos anos escolares. A base para essas habilidades seria a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) com níveis variando entre básico, operacional e global. Além disso, a acolhida psicológica seria importante na fase de iniciação e adaptação, a fim de correlacionar o movimento realizado pelo colégio com a responsabilidade do aluno e da família no processo.

A segunda proposta seria criar um GT (Grupo de Trabalho), incluindo professores, alunos bolsistas e pagantes, assim como colaboradores da Assistência Social e do NAE. À luz dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio, esse grupo forneceria ideias e metodologias que pudessem colaborar com o processo de desenvolvimento acadêmico dos alunos bolsistas. A partir do grupo, a sistematização poderia ser implementada, assim como aprimorada com o passar dos anos escolares. É importante a diversidade dos integrantes desse grupo dado que

[...] a instituição educativa deve dar aos estudantes oportunidades de contato com os pobres e de serviço deles [...] para capacitar esses estudantes a aprender a amar todos como irmãos e irmãs na comunidade humana, e também com o fim de chegar a uma melhor compreensão das causas da pobreza. (TIRADO, 2003, p.83).

Como fruto deste trabalho, estabelece-se o desejo de uma oportunidade de aprofundá-lo em um mestrado ou um doutorado pela UNISINOS (Universidade do Vale do Rio dos Sinos). Ademais, a aprovação e implementação das sugestões de propostas de intervenção apresentadas aqui, com o intuito de que os alunos bolsistas do Colégio Loyola descubram trajetórias mais confiantes em seus anos escolares e sejam multiplicadores desse sentimento para os seus pares.

Exaltação de Aninha

(O professor)

Professor, “sois o sal da terra e a luz do mundo”.
Sem vós tudo seria baço e a terra escura.
Professor, faze de tua cadeira,
a cátedra de um mestre.
Se souberes elevar teu magistério,
ele te elevará à magnificência.
Tu és um jovem, sê, com o tempo e competência,
um excelente mestre.

Meu jovem Professor, quem mais ensina e quem mais aprende?
O professor ou o aluno?
De quem maior responsabilidade na classe,
do professor ou do aluno?
Professor, sê um mestre. Há uma diferença sutil
entre este e aquele.
Este leciona e vai prestes a outros afazeres.
Aquele mestreia e ajuda seus discípulos.
O professor tem uma tabela a que se apegas.
O mestre excede a qualquer tabela e é sempre um mestre.

Feliz é o professor que aprende ensinando.
A criatura humana pode ter qualidades e faculdades.
Podemos aperfeiçoar as duas.
A mais importante faculdade de quem ensina
é a sua ascendência sobre a classe
Ascendência é uma irradiação magnética, dominadora
que se impõe sem palavras ou gestos,
sem criar atritos, ordem e aproveitamento.
É uma força sensível que emana da personalidade
e a faz querida e respeitada, aceita.
Pode ser consciente, pode ser desenvolvida na escola,
no lar, no trabalho e na sociedade.
Um poder condutor sobre o auditório, filhos, dependentes, alunos.
É tranquila e atuante. É um alto comando obscuro
e sempre presente. É a marca dos líderes.

A estrada da vida é uma reta marcada de encruzilhadas.
Caminhos certos e errados, encontros e desencontros

do começo ao fim.
 Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.
 O melhor professor nem sempre é o de mais saber,
 é sim aquele que, modesto, tem a faculdade de transferir
 e manter o respeito e a disciplina da classe.... (CORALINA, 1997, p.151)

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO DAS UNIVERSIDADES CONFIADAS À COMPANHIA DE JESUS (AUSJAL). Conferência de Provinciais Jesuítas da América Latina e Caribe (CPAL). **A Companhia de Jesus e o Direito Universal a uma Educação de Qualidade**. 1 ed. Lima, Peru: Federação Internacional Fé e Alegria, Federação Latino Americana de Colégios da Companhia de Jesus (FLACSI), 2023. 139 p.

ASSOCIAÇÃO NÓBREGA DE EDUCAÇÃO E ASSISTÊNCIA SOCIAL (ANEAS); ASSOCIAÇÃO ANTÔNIO VIEIRA (ASAV). **Nota Técnica 04/2019 - Definição dos conceitos para a realização da concessão de Benefícios Tipo 1 e Tipo 2 e seus respectivos anexos**. São Paulo: Coordenações de Ação Social, Diretorias de Ação Social, 2019.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 2019. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm. Acesso em: 13 out. 2023.

CENTRO DE REFERÊNCIAS EM EDUCAÇÃO INTEGRAL (CREI). **O que é Educação Integral?** São Paulo: 2023. Disponível em:
https://educacaointegral.org.br/conceito/?gclid=Cj0KCQjw7JOpBhCfARIsAL3bobe3mT728KU7AF9teX6FYLLWi5hCy1OGf_pK0LSqiIvPM_8_MiBeAa8aAjazEALw_wcB. Acesso em: 10 out. 2023.

CORALINA, Cora. **Vintém de cobre: meias confissões de Aninha**. 6. ed. São Paulo: Global Editora, 1997, p. 151.

KLEIN, Pe. Luiz Fernando. **Educação Jesuíta: Tradição e Atualização**. 1 ed. Colección CPAL. 2020. 56 p.

SMYDA, Pe. Mieczyslaw. *et al.* **Projeto educativo comum da rede jesuíta de educação básica: 2021-2025**. 1. ed. São Paulo: Rede Jesuíta de Educação, 2021.

TIRADO, J. M. **Educação Inaciana e mudança social**. Tradução: Davina M. Araujo. 1. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003. cap. 4, p. 73-154.

APÊNDICE A – Entrevistas transcritas

ENTREVISTA I – ALUNO 1

Arquivo: A1 – tempo de gravação: 2 min e 37 seg

Realizada em 11 de setembro de 2023

C: Vamos lá. Olha só. Há quantos anos você estuda aqui no Colégio Loyola?

A1: Estudo no Loyola um total de 12 anos.

C: Desde que série mesmo?

A1: Desde o 1º ano [do Ensino Fundamental Anos Iniciais], em 2011.

C: Você já esteve em recuperação em alguma disciplina?

A1: Já estive recuperação em várias disciplinas, final e recuperação comum por etapa.

C: Você se lembra de algum caso específico?

A1: Lembro! No caso do 6º ano, foi quando eu peguei minha primeira e única recuperação final, em Português e História.

C: Você consegue me falar duas disciplinas em que você fica muito confortável e com interesse em estudar?

A1: Disciplinas? Matemática e Biologia.

C: E duas que você tenha mais dificuldade?

A1: Química e História.

C: Quando você está estudando, quais são os métodos que você utiliza para poder estudar tanto para aquelas que você tem mais dificuldade quanto para as que você tem mais facilidade?

A1: Uso mapas mentais e mapas segmentais. As matérias que eu sei que eu tenho que mais ler, ver fotos, essas coisas, utilizo mapas mentais e conceituais, onde eu associo conceitos a definições. As outras matérias como Matemática e Física, matérias mais de conta, eu faço *flashcards* com contas, onde eu consigo ver as respostas e tentar decorar alguns métodos de como fazer.

C: Boa! *Flashcard* é bom! Para alguém que está chegando agora como bolsista no colégio que conselho você daria?

A1: Se apeguem muito aos benefícios que o Colégio [Loyola] te dá. Pois isso será muito importante tanto na sua formação acadêmica quanto na sua formação social. E, principalmente, não deixar de estudar hora nenhuma, pois você vai precisar disso.

C: O que é benefício para você?

A1: Benefício são as coisas que o Colégio te oferece. Não ter medo de pedir quando você estiver precisando de ajuda, seja alguma coisa em casa ou relação aos estudos. Não deixar de pedir ajuda.

C: Uma última pergunta. Se houvesse uma oportunidade para que você participasse de um grupo de estudos que poderiam estabelecer reflexões e apoios acadêmicos para novos bolsistas, você participaria?

A1: Com certeza. Acho esse apoio muito importante. Eu sempre tive um apoio externo, não desse jeito, mas acho que sim. Com certeza!

ENTREVISTA II – ALUNO 2

Arquivo: A2 – tempo de gravação: 5 min e 27 seg

Realizada em 12 de setembro de 2023

C: Há quantos anos você estuda aqui no Colégio Loyola?

A2: Dez anos. Nove né, porque eu entrei em 2014.

C: Você começou a ter bolsa desde quando mesmo, que você estava falando?

A2: Quarto ano [Ensino Fundamental Anos Iniciais].

C: Você já esteve em recuperação em alguma disciplina?

A2: Não.

C: Eu queria que você me citasse duas disciplinas, do todas que você já estudou aqui no Colégio, não precisa ser somente deste ano [2023], de quando você quiser. Duas disciplinas que você se sente muito confortável e com algum interesse em estudar. Como é que você citaria em essas duas disciplinas?

A2: Atualmente, acho que Matemática e Física.

C: E se pensássemos o contrário. Queria que você citasse duas disciplinas que você sente que sempre teve muita dificuldade em estudar.

A2: Geografia e pode colocar História.

C: Você é das minhas mesmo. A gente pensa igualzinho.

A2: [risos]

C: Quando você está estudando, quais são os métodos, as práticas, as estratégias que você utiliza para estudar tanto aquelas disciplinas que você tem mais dificuldade quanto aquelas que você tem mais facilidade?

A2: Eu costumo prestar muita atenção na aula, porque eu acho depois para entender o conteúdo fica mais fácil. E eu costumo ler e gosto de vídeo aulas e fazer resumos. Eu tenho uma única técnica que eu uso as vezes que é de pegar um caderno e pegar uma folha e escrever tudo que eu lembro da matéria. Tudo, sem ver nada. Tudo, tudo, tudo que eu lembro.

C: Tipo um *brainstorm*.

A2: Isso! Depois eu olho e vou vejo as lacunas que tem de conhecimento. Eu olho meu caderno mesmo ou o livro. Eu olho as lacunas que tem e vou anotando. Isso me ajuda a fixar.

C: Interessante! Gostei. Vamos supor que uma pessoa bolsista chegou aqui agora. Que conselhos você daria para essa pessoa que chegou aqui agora, como bolsista aqui no colégio?

A2: Eu acho que um conselho honesto que eu daria é não falar que tem bolsa [de estudos], porque eu acho que aqui é muito evidente que tem discriminação, que tem uma segregação. Todo mundo sabe. Só que como não tem como resolver. Sabe? Um professor não pode falar “você está discriminando ele porque ele é bolsista”, porque aí a situação já piora 200%. A dica que eu daria era não falar. Evitaria muito desgaste e muito sofrimento e focar no que pode construir daqui pra frente. Vai ter algumas coisas, lógico, que vai ter que recuperar, as vezes não tem conhecimento. Ajudaria a pessoa, as vezes indicaria alguma coisa. Mas o conselho mais seria esse. Academicamente, acho que ir aos poucos, não se sobrecarregar, tentar no início, dar uma estudada nos finais de semana, porque é uma vida nova. Mas depois você vai acostumando e a coisa vai ficando mais leve.

C: Entendi. Uma última parte. Se a gente montasse um grupo de estudos para tentar estabelecer algumas reflexões, para tentar criar alguma estrutura para esses alunos bolsistas, você toparia fazer parte desse grupo de estudos?

A2: Uma estrutura acadêmica ou uma estrutura emocional?

C: Não sei! Uma estrutura. Não pensei em nada específico.

A2: Acho legal.

C: A ideia é a seguinte. Na minha cabeça, eu acho que se a gente conseguisse criar uma identidade, uma identidade mesmo, nós nos reconhecemos dessa forma e não temos medo de sermos quem somos, ou vergonha. Se a gente conseguisse criar, acho que a gente consegue olhar para o outro e ter empatia o suficiente para poder entender pelo o que ele está passando. E todos juntos, criar alguma estratégia, uma estrutura para colocar todo mundo para cima.

A2: Eu acho legal. Eu particularmente tenho mais receio, mas a galera já é mais “de boa”. Eu acho que seria muito legal. Eu acho que ajudaria a ter mais inclusão. Pode ser com vários alunos, quem estiver disposto. Aí, sim, você consegue fazer uma integração, esse olhar para o outro, como sempre acontece quando tem debate. As pessoas se colocam no lugar das outras. A N., por exemplo, é um exemplo perfeito. A N. entrou no ano passado, teve uma dificuldade bruta, está aí agora, normal. Ela coloca voz dela nos debates sobre a posição dela e a galera já tem um certo respeito. Sabem que ela tem um posicionamento que não é o deles, mas já respeita de uma outra forma. Acho que integrar todos os alunos gera uma inclusão maior e uma empatia. Mas eu toparia 100%.

ENTREVISTA III – ALUNO 3

Arquivo: A3 – tempo de gravação: 5 min e 10 seg

Realizada em 11 de setembro de 2023

C: Há quantos anos você estuda aqui no Colégio Loyola?

A3: Dois anos. Eu entrei no ano passado [2022].

C: Então, 2022 e 2023. Beleza! Você já esteve em recuperação em alguma disciplina? Isso já aconteceu com você. Nesse ano ou no ano passado. Tudo aqui no colégio.

A3: Não.

C: Em nenhuma etapa. Você nunca esteve em recuperação em nada.

A3: Ah, não! Já estive.

C: Não estou falando de recuperação final. Estou falando por etapa.

A3: Já.

C: Você lembra em quais você esteve?

A3: Ano passado eu não fiquei em recuperação em nada. Só que esse ano eu fiz recuperação em Matemática e só isso mesmo. Foi a única recuperação que eu fiz.

C: Você consegue me falar duas disciplinas do colégio que você considera que são confortáveis e com interesse que você tenha em estudar?

A3: História e, não sei, acho que Geografia.

C: Você é de Humanas né, rapaz.

A3: Sim!

C: Agora você vai me falar o contrário. Você vai me falar duas disciplinas que você considera que tem as maiores dificuldades.

A3: Este ano [2023] estou tendo muita dificuldade em Matemática e... como é que chama a outra matéria? Inglês, mas não é o Inglês exatamente. É porque as vezes eu tenho um pouco de dificuldade com a escrita. Com algumas coisinhas assim.

C: Meio com o vocabulário.

A3: É.

C: Quando você está estudando quais métodos você utiliza tanto para as disciplinas que você tem maior dificuldade quanto para as que você tem maior facilidade? Qual é o método que você tem de estudo?

A3: Assisto a vídeo aulas, faço resumos, exercícios e mapa mental.

C: Boa! E vídeo aulas você escolhe da cabeça? Taca no Youtube? Qualquer aula que estiver lá pra você ta bom?

A3: Não. Tenho Youtube específico. Para História eu só vejo a Débora Aladim e para Português, o professor Noslen.

C: De Matemática eu tenho um muito bom. Depois eu te indico se você quiser. Já que você está a praticamente há dois anos no colégio, que conselhos você daria para pessoas que estão entrando agora aqui no colégio como bolsistas?

A3: Não subestimar a escola. Eu tinha vindo do Santo Antônio, que era um colégio que eu também era bolsista lá, que era um colégio muito difícil e muito apertado. Eu tinha uma base muito boa. Quando eu entrei para a escola [Colégio Loyola], no 8º ano, tudo que já sabia no 6º ano do Santo Antônio, eu estava reaprendendo tudo de novo no 8º. Então, foi muito fácil o 8º ano para mim aqui. Só que no 9º, tinha muita coisa nova. Eu subestimei e agora estou com um pouco de dificuldade. Estou bem no limite. Está um pouco mais apertado. Então, se esforçar bastante por causa disso.

C: Por que você saiu de lá? Você lembra?

A3: Eu lembro que era porque a minha mãe iria sair de lá também. E porque o Loyola dava uma bolsa de alimentação. Ele dá tudo. O Santo Antônio dava só o material escolar. Não era uma questão de aperto financeiro, era mais uma questão de ter uma oportunidade melhor.

C: Se houvesse uma oportunidade, você faria parte de um grupo de estudos que poderia estabelecer reflexões e apoios acadêmicos a novos bolsistas no colégio.

A3: Faria sim. Eu faria, porque esses grupos de estudo, normalmente, dão muita oportunidade para pessoas que precisam. Oportunidade que eu falo, são de estudar fora, dar mais chance uma pessoa ter uma carta de recomendação, dá muita coisas para pessoa. Então, vai ter um papel mais importante a escola.

C: Você acha que esse grupo de estudos poderia ajudar aqueles que são bolsistas? Imagina que você acabou de chegar no Colégio. Quem já é bolsista no colégio, poderia dar apoio para essa pessoa que está chegando agora. Essa é a ideia. Você toparia de participar em alguma coisa nesse estilo?

A3: Sim!

ENTREVISTA IV – COLABORADORA DO COLÉGIO 1

Arquivo: COLA1 – tempo de gravação: 1 min e 32 seg

Realizada em 11 de setembro de 2023

Observação: não houve gravação completa nessa entrevista. Apenas um resumo dos pensamentos expressos por ela em toda a conversa.

C: Qual é a sua percepção de estrutura de acompanhamento acadêmico dos nossos alunos bolsistas aqui no Colégio Loyola.

CC1: Considerando que a grande maioria deles vêm de escolas públicas, onde o contexto socioeconômico e pedagógico extremamente diferente, eles chegam com defasagens e lacunas muito graves. O que a escola oferece atualmente são as tutorias e as recuperações paralelas. Mas não são suficientes para poder suprir esse aluno e o que ele precisa em relação a ferramentas, para que possa acompanhar [academicamente] os outros estudantes e se sinta inserido nesse contexto, que acompanhe mesmo o nível dos outros alunos, pedagogicamente e emocionalmente, socialmente. Eu acho que deveria haver um programa que pudesse acompanhá-los mais de perto, de uma forma mais sistematizada, essa evolução por etapas, que fosse sendo avaliado isso e recursos fossem oferecidos para poder promover uma integração desse aluno que vem de fora deste contexto aqui [do colégio] tão diferente.

ENTREVISTA V – COLABORADORA 2

Arquivo: COLA2 – tempo de gravação: 20 min e 31 seg

Realizada em 18 de setembro de 2023

Observação: a entrevista havia iniciado antes, mas não houve gravação da parte inicial.

CC2: De 100%, eles recebem um programa de apoio, que é o PIEA. Esse PIEA busca para além das mensalidades, o desempenho e permanência no aluno. Então, o que que a gente percebe? Se o aluno não tiver transporte, não tiver alimentação, não tiver material adequado,

porque se ele tiver um caderno muito inferior com o colega do lado, ele já vai se sentir desestimulado. Então, a gente tenta manter esse equilíbrio nessa oferta desses benefícios. E os alunos da 3ª série do Ensino Médio, que ficam para o retorno, a gente disponibiliza também o almoço. Todos os alunos que são bolsistas de 100% recebem os quatro programas de apoio. Claro que a gente tem alunos que a família subsidia alguma coisa. De repente, o pai mora próximo e diz que não precisa de transporte escolar. Ah, meu filho mora aqui próximo, não precisa dar alimentação. E por vezes, tem uns que não precisam sequer do uniforme. Então, a gente vai subsidiando aquilo que é a necessidade da família. Os demais alunos recebem todos os benefícios, exceto esses casos que são bem pontuais. Outra proposta que a gente tem hoje de apoio de permanência do aluno são os benefícios complementares que a gente chama que benefícios tipo 2. São as atividades esportivas, são as atividades de monitoria, são os passeios, são os alunos que vão no intercâmbio, são o atendimento psicológico, psicopedagógico ou psiquiátrico. A gente tem uma parceira com uma equipe clínica. O Orientador de Aprendizagem faz o acompanhamento desse aluno e sinaliza “olha, esse aluno tem alunos que tem alguma dificuldade que não é para além da questão acadêmica, é uma alguma coisa cognitiva”. A gente faz contato com uma equipe clínica e a gente faz o encaminhamento desse aluno. E aí a gente conversa com a família. Já teve caso de aluno ser diagnosticado com TDH, com TEA. E a gente apoia essa família até para a preparação desse diagnóstico e o que tem contrapartida para ajudar nesse sentido. Os benefícios se expandem em relação a isso e a gente tenta apoiar no máximo que a gente pode. Quando você fala que é desestimulante essa questão da Matemática, a gente também percebe que também é desestimulante em relação ao Inglês.

C: Sim, eles falam muito do Inglês.

CC2: E a gente percebeu que a monitoria pode ajudar. A gente teve uma visita agora da ANEAS e da Coordenação de Assistência Social que a gente sinalizou algumas questões. Que antes, quando tinha do Greenwich [instituição privada especializada em ensino de língua estrangeira] aqui na porta, a gente já teve alunos que teve bolsa lá e que a gente pediu e fez uma parceria. Só que hoje a gente não tem mais essa localizada próxima e a gente percebe que só a monitoria ou só o conteúdo que é ministrado em sala não é o suficiente, porque os alunos que têm acesso a língua em casa ou a família que ajuda, eles estão muito a frente do que o aluno bolsista que nunca sequer teve o apoio da língua, nem contato. E a primeira vez que tem é quando está na escola. Então, isso é um desafio. A gente vem identificando algumas

questões que é muito presente. Com relação a isso, a um dos estímulos que eles têm é a questão do bullying também. Porque eles vão se fechando, sabe. Alguns casos a gente consegue acompanhar mais de perto, mas o que é o divisor, e que faz muita diferença, é a percepção do profissional, que está ali dentro de sala com o aluno, que percebe se ele está mais triste ou mais alegre. Porque, às vezes, quando isso chega lá na Orientação de Aprendizagem, às vezes não tem a leitura de um todo. Mas, desde 2020, a gente tem feito um acompanhamento mais sistemático. Funciona da seguinte forma, cada unidade tem um Orientador de Aprendizagem de referência aos alunos bolsistas. Então, no da Viviane a gente tem o Reginaldo, do Zé Henrique a gente tem o Paulo e no Ensino Médio, a gente tem o Luiz Eduardo. Não que os outros não acompanhem, mas esses são os que a gente mais foca. Quais são as dificuldades, quando e como. A proposta é ter um atendimento mais próximo. E isso não perpassa só os alunos bolsistas da filantropia que são os alunos bolsistas CEBAS, mas também os filhos de funcionários. Que tem filhos de funcionários que, de fato, tem uma condição financeira, mas ainda não é uma realidade dos alunos que estão aqui. Então, às vezes eles sofrem também alguns desconfortos da sua situação socioeconômica, do convívio. E uma coisa que eu percebo é que os alunos bolsistas se relacionam muito bem entre si, com os seus pares. E eles têm dificuldade nos acessos a esses outros alunos, porque ainda existe esse distanciamento. A Isabel [líder do NEP – Núcleo de Educação para a Paz], eu faço muita parceria com ela, para a gente tentar amenizar algumas coisas, a gente vê que tem outros alunos que vão avançando. As monitorias presenciais que têm acontecido de Matemática com a Rita [coordenadora da área de Matemática], tem uma aluna que é a K. e a gente vê o quanto ela melhorou, o quanto ela se sentiu segura quando ela aprendeu a fazer e não só executar e achar que estava aprendendo. Então, tem essa questão deles se sentirem com uma autoestima mais elevada quando eles se sentem inseridos, porque eles realmente aprenderam o conteúdo. Faz muita diferença.

C: Você tocou num assunto sobre os diferentes tipos de bolsas. Você falou as CEBAS...

CC2: Isso! Eu tenho as bolsas CEBAS e as institucionais. Como é que funciona a bolsa institucional? Hoje o Colégio Loyola não tem a obrigatoriedade do sindicato para oferta de bolsa de estudos. Isso passa a ser um benefício trabalhista. Por exemplo, eu tenho um filho de 3 anos. Se eu fosse trazê-lo para o Colégio Loyola, eu teria que estar vinculada ao sindicato e fazer o pleito dessa bolsa. Só que hoje não funciona mais dessa forma. Eu teria que participar do processo de admissão, ter a disponibilidade da vaga e eu teria acesso a gratuidade de 100%

da mensalidade. No entanto, se eu tiver o perfil para a bolsas CEBAS que é 50% até 3 salários mínimos e 100% até um salário e meio que poderia contemplar.

C: Por pessoa em casa ou no total?

CC2: Por pessoa. Eu poderia contemplar essa bolsa. Qual é a diferença? Hoje quem tem a bolsa de 100% tem os programas de apoio: alimentação, transporte, material didático, atendimento psicológico, entre outros. Os bolsistas de 50%, a gente tem também subsidiados os programas de apoio, porque, às vezes, a renda per capita, por exemplo, ela é muito próxima dos 3 salários mínimos, só não é o suficiente para subsidiar a alimentação e transporte. A gente faz uma avaliação com a família, do que ela mais necessita, e a gente apoia também de maneira que ele consiga caminhar para frente, porque a gente também já teve situação de alunos que não permaneceram [no colégio], porque quando a renda ultrapassa ou quando não faz mais jus da bolsa de 100%, o que passa é insuficiente para bancar o acesso, que é a alimentação, transporte e o material didático. Hoje a gente tem esses dois tipos de bolsas que é interno. E também tem a bolsa sindical que é quem vem de fora tem 40%. Hoje a gente tem cerca de 24 alunos. Os pais são profissionais que trabalham em outro espaço de educação e têm bolsa aqui. Para esses a gente não fornece nenhum programa de apoio, porque não demandaram, mas se demanda, a gente também busca apoiar. A gente também tem um programa que é desconto institucional. São aqueles que estão em fragilidade financeira ou que perdeu alguém que era o responsável financeiro. A gente faz a análise socioeconômica e a gente oferta um desconto que pode chegar em até 40% das mensalidades e não contempla a matrícula. E o outro programa que a gente tem são os sorteios das bolsas da prefeitura. A gente tem cerca de 40 bolsas que são ofertadas no colégio. E essas bolsas são sorteadas pela prefeitura, não é de administração do colégio. O aluno para fazer pleito tem que estar devidamente matriculado na escola. Essas bolsas contemplam do 1º ao 9º ano, até o final do Fundamental 2. A gente fez até uma pesquisa no final do ano passado se esses alunos do 9º ano, quando eles deixam de receber esse benefício de 50% da bolsa da prefeitura, se a gente tem evasão deles. Isso não acontece, sabe, a maioria permanece conosco. O que que a gente entendeu disso, que muitas vezes a família que é sorteada tem condição financeira. Então, ela recebe o benefício do sorteio da bolsa e aí permanece conosco, porque não é um critério socioeconômico. A gente tem uma parte do terreno que é comodato e a gente fez essa parceria com a prefeitura que não contempla só o Colégio Loyola, tem o Colégio São Paulo, faculdade FUMEC, também participa desse sorteio da prefeitura. Recebe 50% e a família arca com os

outros 50%. E nesse período que estou aqui apenas um aluno pediu que permanecesse com a bolsa para cumprir o Ensino Médio. Aí ele permanece com a bolsa. A gente fez a análise socioeconômica dele e ele permanece com a bolsa.

C: Mas esses do sorteio da prefeitura não têm o apoio dos quatro benefícios.

CC2: Não tem. É só para os bolsistas CEBAS, da filantropia.

C: O CEBAS... é só porque eu não pesquei aqui direito. O CEBAS eu percebi que tem os quatro benefícios. Mas as bolsas institucionais também têm ou não?

CC2: As bolsas institucionais também têm. Só que para ele fazer jus, ele tem que passar pela análise do CEBAS. Por exemplo, você tem um filho aqui. Ele já tem 100% da gratuidade, mas se você se enquadra no perfil da per capita, você pode fazer a solicitação e a gente acolhe.

ENTREVISTA VI – EX-ALUNA DO COLÉGIO

Registrada por correspondência eletrônica

Realizada em 07 de fevereiro de 2023

Essa entrevista foi realizada com uma ex-aluna do Colégio Loyola, a qual recebeu bolsa de estudo integral durante todos os anos escolares, assim como seu irmão. Hoje ela é uma das colaboradoras do colégio, exercendo estágio por meio do curso superior, na qual está matriculada em uma outra instituição de ensino. Ela relata que, em seus anos de estudante no Colégio, sempre teve muita dificuldade na disciplina de Matemática, mas é firme ao dizer que nunca deixou que isso a abalasse. Procurava estudar da melhor maneira que podia, respeitando seus próprios limites. Dessa forma, ela teve a gentileza de apresentar uma sequência de “bons auxiliares de estudo para a Matemática”. Essa classificação e enumeração foi realizada pela própria ex-aluna.

1. Acesso a um material (escrito ou em vídeo aula) simples e rápido que explicasse os conceitos, propriedades e afins (importante ter amostras simples para exemplificar, por

exemplo ver a resolução de log de 8 na base 2 sempre me ajudava a ter mais clareza de como funcionava o log).

1.1. A partir disso eu fazia resumos para fixar e esclarecer o que eu havia entendido de cada um dos conceitos e suas propriedades.

2. Resolução de exercícios para testar o que eu havia aprendido e me dar segurança; ao invés de fazer muitos exercícios, fazia uma quantidade para eu saber se estava segura da matéria (ex.: 1 fácil, 2 médios e 1 difícil).

2.1. Ao ver em quais conteúdos eu apresentava maior dificuldade eu retomava aos materiais, principalmente vídeo aulas, para esclarecer minhas dúvidas.

2.2. Depois eu fazia mais exercícios semelhantes aos que eu havia errado ou ainda não estava segura.

3. Aprender estratégias/"macetes"/alternativas que fizessem a fixação do conteúdo e as resoluções dos exercícios ou mais simples e rápido ou mais claros também me auxiliava; por exemplo:

3.1. Já saber se um número era divisível ou múltiplo de outro determinado número de acordo com o algarismo que ele termina, saber que um número multiplicado por 0,5 é a metade dele mesmo. Apropriação da matemática que tornam as resoluções mais rápidas e menos maçantes.

3.2. Ter estratégias para fixação e aplicação das fórmulas. Macetes para guardar as fórmulas e suas aplicações dão mais segurança.

3.3. Ter acesso a diferentes formas de resolução, por exemplo, eu tinha dificuldades em realizar operações com números decimais então, quando possível, eu transformava em fração, também achava muito mais fácil usar soma e produto do que Bhaskara. Diferentes alternativas de resolução possibilitam que cada aluno faça da forma que tem mais facilidade.